

Temos provas: a economia sustentável não afeta a prosperidade

Depois da crise financeira, o investimento sustentável teve retorno. O coronavírus é uma oportunidade ainda maior

Por Fiona Harvey

22 de Maio, 2020

Consultado em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/may/22/greening-economy-prosperity-financial-crisis-coronavirus>



'Os postos de carregamento de veículos elétricos são necessários em todo o mundo, e a falta de investimento no transporte público pode ser o mote para atualizar as redes ferroviárias.'

Foto: Owen Humphreys / PA

O Everest é novamente visível de Katmandu, décadas depois de estar rodeado de poluição. A emissão de gases de efeito estufa caíram para os níveis de 2006. A natureza regressou à rua, e as pessoas estão a acordar a ouvir pássaros cantar nos centros urbanos à medida que o tráfego diminui.

Céus claros trazem pouca alegria ao banco alimentar. O canto dos pássaros pode elevar a alma mas não paga contas.

O renascimento ambiental do confinamento mostra tanto a necessidade de limpar o ar e a atmosfera sujos quanto os perigos de associar a perdas económicas ao ganho ambiental. As emissões diárias de gases de efeito estufa caíram um quarto em muitos países quando durante o confinamento, de acordo com o primeiro estudo esta semana, e no início de abril tinha caído 17% em relação ao ano passado. Ao mesmo tempo, a economia global caiu 6% e metade da força de trabalho mundial agora risca-se a perder o emprego, diz a Organização Internacional do Trabalho.

Regressar rapidamente ao trabalho significará um aumento rápido das emissões de carbono, como ocorreu após a crise financeira de 2008, a menos que fortes medidas sejam tomadas pelos

governos. As emissões já estão a subir: serão apenas 4% inferiores ao ano anterior se os bloqueios fronteiriços forem suspensos no próximo mês.

Para os ambientalistas, pode parecer aborrecido ter que explicar mais uma vez porque faz sentido economicamente salvar o planeta - não haveria uma economia sem o meio ambiente, portanto, se o estragamos, o "crescimento" deixará de ter significado. Porém, estamos no limiar do que poderá vir a ser a maior depressão dos últimos séculos. As pessoas que estão a perder os empregos e casas, com apenas as promessas políticas de depositar dinheiro nas suas contas bancárias, têm todo o direito de perguntar se agora é altura certa de priorizar o clima - ou se podemos esperar um ano ou dois até resolver a catástrofe primeiro?

Esta pergunta tem uma resposta muito clara: uma recuperação verde pode produzir retornos mais altos sobre os gastos públicos e criar mais empregos, tanto a curto como a longo prazo, em comparação com a alternativa de despejar dinheiro em estímulos numa economia centrada em combustíveis fósseis.

Estas descobertas são de um estudo sobre o potencial da recuperação verde, baseado numa pesquisa com ministérios das finanças e bancos centrais, e uma comparação com as consequências da crise financeira de 2008, conduzida pelo economista Joseph Stiglitz, prémio Nobel da Economia, o economista-chefe do Banco Mundial, Lord Stern, e os principais economistas da Universidade de Oxford.

Após a crise financeira em 2008, a recuperação verde foi parcialmente bem-sucedida. Cerca de 16% dos estímulos mundiais foram ecológicos, incluindo subsídios para energias renováveis, financiamento inicial para pesquisa e desenvolvimento, e novas tecnologias, como veículos elétricos.

A proporção pode parecer pequena, e os restantes gastos - muitos dos quais foram em projetos intensivos em carbono, como construções em cimento e carvão – ficou claro: as emissões de carbono que tinham caído 1,4%, recuperaram um valor recorde de quase 6% em 2010.

No entanto, o estímulo verde deu frutos. A energia renovável expandiu e o custo da energia eólica e solar caiu muito mais rápido do que o previsto, a ponto de ambas as formas de energia serem agora competitivas com a de combustíveis fósseis, sem a necessidade de subsídio.

Se tal foi possível com apenas 16% dos estímulos económicos, o que poderia ser atingido se as proporções fossem revertidas? Estamos muito melhor preparados para criar empregos verdes agora, de acordo com o estudo de Oxford. Projetos prontos para avançar, desde casas isoladas a ciclovias alargadas, são abundantes. Pontos de carregamento de veículos elétricos são necessários em todo o mundo, e a falta de investimento no transporte público pode ser usada para atualizar as redes ferroviárias.

A produção de carros, com incentivos governamentais, poderiam acelerar a mudança dos motores a gasolina e diesel. O setor de energia renovável progrediu na última década, viabilizando a instalação solar doméstica barata e os parques eólicos offshore. Tudo isso exige muito trabalho e proporcionaria um rápido retorno do dinheiro dos contribuintes.

Existem indústrias que podem mudar com um incentivo governamental. Fatih Birol, o diretor executivo amplamente respeitado da Agência Internacional de Energia, aponta o hidrogênio e as baterias como duas áreas principais "agora prontas para o grande momento". O hidrogênio, será a chave para descarbonizar o transporte de carga, mas a implementação tem sido lenta devido à falta de investimento.

Se os governos acertarem, as mudanças estruturais necessárias para reduzir as emissões nos próximos 30 anos terão um ganho em empregos e segurança. Mas é preciso fazer mais para garantir que as pessoas vejam o positivo, em vez de associar a queda das emissões à queda da prosperidade. Até agora, grande parte da discussão pública concentrou-se em anexar "cordões verdes" a resgates de indústrias estabelecidas, como companhias aéreas, combustíveis fósseis e produção de automóveis. Isso é certamente necessário - como mostra claramente o fracasso em estabelecer condições após a crise de 2008 - mas pode parecer que estão a penalizar indústrias que já estão de joelhos. Os trabalhadores das companhias aéreas e dos campos de lítio também são pessoas, com empréstimos a pagar e famílias para cuidar. A perda de empregos, por um futuro mais limpo não é suficiente: deve haver um caminho claro para alternativas de alta qualidade.

Depois da crise financeira, o capital não parou por muito tempo - a iniciativa foi logo recapturada por defensores da austeridade e cada vez mais por populistas que convenceram os eleitores em muitos países de que a recuperação do estado era pela estabilidade fiscal. A mesma ideologia ainda está em vigor: a Casa Branca de Donald Trump já aproveitou a desculpa para revogar dezenas de regulamentos sobre ar e água limpo, ameaçando reverter as proteções ambientais para um estado idêntico ao da presidência de Nixon . Para que as coisas sejam diferentes desta vez, as pessoas precisam, acima de tudo, de garantir os empregos, e os hinos à natureza devem ser cantados ao ouvido da indústria.